



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE
N.º 14 — 2.ª SÉRIE SETEMBRO DE 1966 PREÇO: \$50

A FRUTA, OS CAMPONESES E O PÚBLICO

O presente ano não foi um ano de grande produção quanto a fruta, não foi um ano em cheio. No entanto, a fruta não escasseia no mercado. As montras estão repletas e muita apodrece e é deitada fora. Os preços são elevadíssimos e os trabalhadores não a podem comprar. O preço pago ao produtor terá sido um pouco mais elevado do que em anos de abundância, mas nada que compense a diferença de produção.

Passa-se com a fruta o mesmo que costuma suceder com a batata e outros produtos da terra. Se há muita, o especulador compra ao desbarato, no que é estimulado, secundado e apoiado pela Junta Nacional das Frutas; se há pouca, os camponeses recebem mais uns tostões no preço; mas no conjunto da sua produção, quer haja muita ou pouca quantidade, « não tiram os pés da lama ».

Nestes períodos, costuma o governo vir com campanhas demagógicas para os jornais, falando em especulações, em fiscalização, etc. Conversa!

Quanto a Lisboa, entregou-se uma boa parte da venda à U. C. A. L., organização monopolista. ... de leite. Nem por isso o preço de venda ao público desceu. Nem por isso os produtores passaram a receber mais.

No Porto, anunciou-se espantosamente a abertura de postos de venda ao público por parte da
(continua na pág. 2)

SALAZAR CONTRA OS VINICULTORES!

São do ministro fascista Correia de Oliveira estas palavras: — « Está-se neste momento a estudar o problema do vinho, funcionando as Comissões de Serviço que deverão apresentar brevemente os seus relatórios, que serão logo que prontos, remetidos à organização da Lavoura ».

Entretanto, e depois destas « lindas » palavras do ministro da Economia, o Banco de Angola corta o crédito aos fornecedores do continente! O que quer dizer que foi cortada a entrada dos vinhos nacionais para aquela colónia. Em benefício de quem? Dos mi-xordeiros e traficantes do tal pomposo « Licor de Vinho » que Salazar facilita a enriquecer à custa da saúde pública. Em benefício da companhia SOVIN, firma angolana que tem 75% do capital francês. Esta companhia prepara-se para fazer entrar na colónia de Angola, os vinhos franceses, enquanto andamos a descobrir mercados estrangeiros para colocarmos o exedente da nossa produção vinícola. Estas facilidades concedidas pelo governo fascista de Salazar àqueles tubarões contribuem, assim, para agravarem ainda mais a crise da viticultura nacional.

Enquanto o ministro fascista Correia de Oliveira diz estar a estudar o problema do vinho, lutam os produtores entre a vida e a morte das suas vinhas. A sua situação, já difícil porque a J.N. dos Vinhos
(continua na pág. 2)

A porta nova campanha vinícola !

A situação do produtor agrava-se

Nova campanha vinícola chega. Começam as vindimas. No entanto, muitas adegas estão ainda cheias, muitos produtores não receberam ainda o dinheiro do vinho entregue à Junta nos anos anteriores. E novas despesas foram feitas já. E novas despesas terão de continuar a ser feitas.

A situação do pequeno e médio produtor agrava-se. Obrigados a comprar a crédito, a recorrer a empréstimos hipotecários com juros elevadíssimos, sobrecarregados cada vez mais com contribuições, impostos e derramas que aumentam anualmente, os pequenos e médios produtores estão de ano para ano mais endividados, são cada vez menos senhores das terras que cultivam à custa de imensos sacrifícios para benefício dos grandes capitalistas, usurários e latifundiários, os quais espreitam o momento de cair sobre eles exigindo o pagamento das dívidas com a entrega das terras.

Nalgumas localidades da Bairrada, a J.N.V. iniciou em julho o pagamento dos vinhos retirados há 4 anos! Quais são os pequenos e médios produtores que se podem aguentar? Serão a maior parte deles ainda donos de facto das parcelas que amanhã? O preço das suas colheitas chega ainda para fazer face as despe-
(continua na pág. 3)

A fruta,...

(continuação da pág. 1)

Junta Nacional das frutas, para «moralizar» os preços. O mais engraçado é que tendo os referidos postossido criados a título de contrariar a especulação, o delegado da J. N. F. venha dizer para os jornais que «não temos por função manter postos sempre abastecidos de fruta» (!), que «a nossa missão não é propriamente vender ao público, mas agir sobre os preços do mercado», que «compramos nas mesmas condições do comerciante e aos mesmos preços e procuramos vender também com o lucro da lei para não fazermos concorrência desleal» (!). Ora se a intervenção da Junta não beneficia o produtor, porque paga a este o mesmo que paga o comerciante; se não beneficia o público, porque não tem os postos convenientemente abastecidos e os preços são sensivelmente os mesmos; se a acção da Junta não veio beneficiar nenhum dos interessados (nem o produtor nem o público); se tampouco «moralizou» os preços; então que veio cá fazer? Além de demagógica, a atitude da Junta só teve um fim — dizer ao especulador: «roubai, roubai à vontade, enchei os cofres que nós vos damos cobertura!».

Os camponeses (os pequenos e médios produtores agrícolas), são uma das classes vítimas da política fascista de apoio aos monopólios, aos latifundiários, aos grandes capitalistas. Não podem confiar que os problemas que os afligem sejam resolvidos por iniciativa ou com apoio do governo: Só os pequenos e médios camponeses, unindo-se, organizando-se e lutando, podem fazer atender as suas reivindicações.

Os camponeses devem organizar-se em cooperativas, por si dirigidas, e reclamar que lhes sejam fornecidos créditos a baixo juro. Devem lutar contra as contribuições, os impostos e as derramas. Devem exigir preços compensadores para os seus produtos. Devem reclamar contra os altos preços a que têm de comprar os adubos, os fertilizantes e os pesticidas. Para tanto, é preciso fazer assembleias e concentrações, é preciso criar Comissões de camponeses sérias que lutem apoiados por todos e defendam os interesses colectivos. FORMAI POR TODA A PARTE COMISSÕES DE PEQUENOS E MÉDIOS CAMPO-NESES!

O PROBLEMA DO LEITE

GES
PCP

Roubados são também já

OS PRODUTORES DE VIANA DO CASTELO

O que se vinha passando há anos noutras regiões do País no que respeita ao leite, ao preço por que é pago ao produtor, ao monopólio da venda e ao preço a que é vendido ao público, tem vindo a pouco e pouco a estender-se ao Norte. Do que se passa na região do Vouga, já fizemos referência no nosso número de Maio. Vejamos agora o que está sucedendo na região de Entre-Douro e Minho. A comercialização do leite foi entregue em monopólio à Federação dos Grémios da Lavoura, se nós não conhecessemos o fascismo, se não lhe viessemos sentindo na carne os seus efeitos, nas dificuldades dia a dia redobradas, no aumento das contribuições e impostos que invariavelmente se verifica todos os anos, na subida dos preços de tudo o que necessitamos comprar e é produzido pelos monopólios, no tabelamento dos produtos da terra a preços ruinosos, se não soubéssemos já por uma longa e amarga experiência o que representam para o pequeno e médio lavrador o Estado fascista e os seus organismos corporativos, poderíamos deixar-nos iludir pelo facto de a Federação dos Grémios da Lavoura de Entre-Douro e Minho passar a ser a única entidade a quem obrigatoriamente os produtores tive-

ram de passar a vender o leite. De facto, nos princípios do fascismo, alguns de nós se deixaram iludir pelo nome habilidosamente dado a estes organismos de protecção dos grandes: Grémios da lavoura. Durante bastante tempo, muitos foram os pequenos e médios lavradores que pensaram que aquilo se destinava a defender os seus interesses.

O tempo e os roubos de que foram sendo vítimas se não carregaram de os trazer à realidade. De resto, quando se tira benefício de uma coisa não é necessário que alguém nos obrigue a fazê-la. Nós teremos essecuidado, se isso nos beneficia. A venda em exclusiva do leite à Federação não é, pois, para nós beneficiosa. Todos o sabemos. Quem haverá ainda que tenha dúvidas? Mas vamos aos factos. Na região de Viana do Castelo, até Março do ano corrente, os produtores vendiam o leite às leiteiras que o pagavam a 2500 o litro. E agora, quanto recebemos por cada litro? 1500 e 1.50, a pretexto de que tem mais ou menos gordura, mais ou menos impurezas. E como não temos aparelhos para poder avaliar a gordura ou da impureza, pretendem fazer-nos aceitar o que muito bem entendem. O certo é que poucos serão os produtores que se gabem de receber os antigos 2500 por cada litro de leite. Mas será que o leite agora vendido pela Federação tem ao menos a mesma gordura com que antigamente chegava ao consumidor? Basta comparar o leite que entregamos à Federação e aquele que o público ali compra, para se verificar que não, mesmo sem a necessidade dos tais aparelhos de avaliar a gordura. A limpeza que ali lhe fazem é principalmente de gordura. Seria esta que sujava o leite? Será a gordura que lhe roubam nos Grémios a que eles chamam impurezas? O actual estado de coisas não serve os interesses nem do produtor nem do consumidor. É prejudicial a ambos.

Mas será que teremos de nos conformar com mais este roubo? Claro que não! Se o concordarmos, aliás deste outro roubo virá. Há que nos impormos e é agora enquanto a coisa está no princípio. Unidos, podemos conseguir-lo!

Em vez de fazermos a entrega isoladamente, um por cada vez, concentremo-nos nos postos de recepção todos à mesma hora e, unidos como um só, declaremos: NINGUEM ENTREGA O LEITE A MENOS DE 2.00 O LITRO. E SE O NÃO PAGAREM POR ESTE PREÇO VAMOS NOS VENDER DIRECTAMENTE AO PÚBLICO, que só tem a ganhar com isso! O povo dos nossos termos nos ajudará. Ele nos comprará o leite. Ganharemos nós, porque receberemos mais dinheiro, ganhará o povo porque o pagará mais barato.

BASTA DE ROUBALHEIRAS! NEM UM LITRO DE LEITE A MENOS DE 2500! OU ISSO, OU O VENDEDOR AO PÚBLICO!

Salazar contra...

(continuação da pág. 1)

não paga as colheitas dos anos anteriores, dificultando assim os amonhos dos vinhos, os pagamentos dos encargos e dos grangeiros agrícolas, é, deste modo, agravada extraordinariamente. Mais uma vez Salazar mostrou que está contra os que trabalham a terra, neste caso os vinicultores.

Vinicultores! Preparemo-nos para unirmos as nossas vozes às vozes dos camponeses de todo o país: contra o fascismo, contra a guerra colonial!

Se tens filhos para ir para a guerra não os deixes ir, porque se o teu vinho não serve para ser vendido nas colónias, também os teus filhos não servam para defenderem aqueles que te arruinam!

O problema do leite é um problema de todos. Quem trabalha a terra e quem a trabalha!

À PORTA NOVA

**GES
PCP**

ESCUtai a

R.P.L. !

Aos domingos
das 13 às
13,30 em 19,
20, 25 e 26
metros,

(continuação da pág. 1)

sas normais e aos juros?

E a situação não tende a melhorar. À frente da Junta estão os grandes armazénistas. Nos Grémios mandam os grandes proprietários. Tudo está nas suas mãos, tudo é feito pelo governo fascista para os servir.

Há que lutar contra esta situação !

Este estado de coisas não pode continuar. Há que lhe pôr cobro. E só os próprios interessados o podem e devem fazer, se não querem ser atirados para uma maior miséria ainda, se não querem ser transformados em trabalhadores assalariados daqueles mesmos que os estão empurrando para tal situação.

Há que lutar. Mas lutar organizadamente, cerrando fileiras e unindo-se para defesa dos seus interesses. Há que fazer amplas reuniões de pequenos e médios vinicultores para discutir as medidas a tomar. Essas reuniões têm de ser organizadas e dirigidas pelos próprios interessados. É que os interesses dos lavradores não são todos os mesmos, pois os proprietários agrícolas estão separados em dois blocos bem distintos. Dum, fazem parte os grandes latifundiários e capitalistas, que, juntamente com os monopólios, apoiam o fascismo e são por ele servidos. Noutro, encontram-se os pequenos e médios camponeses que, juntamente com os assalariados agrícolas, estão interessados na instauração dum regime democrático que os defenda e ajude e que promulgue uma Reforma Agrária que exproprie os latifundiários e entregue a terra a quem realmente a trabalha. Por isso, já que os interesses são bem diferentes, as reuniões dos grandes proprietários não são (nem podem ser) as reuniões que servem aos pequenos e médios camponeses. E que as reclamações que aqueles fazem e as medidas que solicitam não são para benefício destes. Os grandes proprietários capitalistas e os latifundiários, ao fazerem as suas reuniões, não fazem reclamações que sirvam a agricultura em geral. Eles sómente lembram ao governo, ao seu governo, que, juntamente com os monopólios, são a base em que se apoia o fascismo e que querem que entre si e os seus parceiros seja mais equitativamente distribuído o espólio do roubo de que a grande maioria da população, as classes e as camadas trabalhadoras (os operários e os camponeses em primeiro lugar) são vítimas. As reuniões dos pequenos e médios camponeses devem pois ser reuniões por si organizadas e dirigidas, em que se analise a situação sem subterfúgios, em que se exija o escoamento dos vinhos, em que se reclame o pagamento dos vinhos em dívida, em que se reclame contra os impostos, em que se reclame contra a acção das Juntas e dos Grémios, em que se reclame preços compensadores para os seus produtos, em que se exija créditos a baixo juro, em que se proteste contra os altos preços dos adubos e pesticidas, em que se desmascare a acção do governo em benefício dos grandes e prejuízo dos pequenos.

Medidas imediatas devem ser tomadas. Acções devem ser empreendidas.

Por toda a parte devem ser formadas COMISSÕES DE PEQUENOS E MÉDIOS VINICULTO-

BASTA DE ROUBALHEIRAS !

Obrigando o pequeno e médio lavrador, pela miséria e pela persiguição, a abandonar as suas terras, a fim de as entregar aos grandes proprietários, mais uma vez o salazarismo usou da força para fazer gorar uma tentativa de 16 honestos e honrados agricultores que, numa experiência a todos os títulos louvável, procuravam, associando-se, desenvolver a indústria agro-pecuária.

16 pequenos lavradores de Ventuzelo, Ponte da Barca, depois de serem expoliados dos seus baldios pelos serviços florestais, depois de se verem roubados nos adubos e sementes pelos Grémios da Lavoura, depois de se verem enganados pelas Comissões de Viticultura, as quais vivem a soldo dos armazénistas de vinhos, que fazem fortunas enormes à sua custa, depois de assistirem a todos estes escandalosos roubos, ainda tentaram, numa fuga à miséria, fazer aquilo que o Grémio da Lavoura devia ter feito: adquiriram um boi de cobrição e puseram-no ao serviço da lavoura da região, gratuitamente, para que assim se desenvolvesse uma indústria que além de enriquecer a alimentação do povo, tirasse da miséria o pobre lavrador.

Mas as autoridades salazaristas é que não estiveram pelos ajustes e, na sua ânsia de arranjar dinheiro para gastar nas guerras coloniais, obrigaram, pela força, os 16 agricultores a pagarem uma elevada taxa para ficarem com o boi! Eles, a princípio recusaram-se, mas ao verem que o boi lhes era apreendido tiveram que se submeter à prepotência.

E o Grémio que é, segundo dizem os salazaristas, para defender os interesses dos lavradores, nada fez em seu auxílio.

Agricultores de Ventuzelo, Ponte da Barca: juntai-vos no Grémio e protestai contra o roubo de que fostes vítimas!

Exigi que o boi que comprastes com sacrifício seja isento de taxa!

Uni-vos e nomeai os vossos representantes para o Grémio. Não deixeis que vos imponham representantes que não conheceis.

RES. É nelas que se devem organizar, é através delas que devem lutar. Há que escolher para as formar os pequenos e médios lavradores mais considerados por todos. Tais Comissões devem convocar imediatas reuniões dos interessados. E todos devem de ir para elas decididos a lutar firmemente.

Com o início de mais uma campanha vinícola, os pequenos e médios vinicultores devem constituir imediatamente as SUAS COMISSÕES e considerá-las os seus órgãos representativos para actuar junto do governo, dos Grémios e da Junta. Devem promover reuniões e exigir a imediata liquidação dos vinhos em atraso e a garantia de escoamento rápido dos vinhos da colheita passada e da presente e o seu pagamento a tempo e horas.

O caminho é, pois, o da unidade, da organização e da luta.

Pequenos e médios vinicultores! FORMAI COMISSÕES e RECLAMAI O ESCOAMENTO E LIQUIDAÇÃO DOS VINHOS. CONCENTRAI-VOS À PORTA DOS GRÉMIOS DA LAVOURA E DOS ARMAZENS DA JUNTA! COM AS VOSSAS COMISSÕES À FRENTE, MARCHAI PARA AS SEDES DAS JUNTAS DE FREGUESIA, DAS CAMARAS E DOS GOVERNOS CIVIS, RECLAMANDO O PAGAMENTO DO QUE VÓS DEVEIS!

OS DESALOJADOS DO CARRAPATELO!

Em Portugal, o progresso para uns é pai, para outros é padrasto. Que digam as populações da Beira-Douro das populosas terras de Pomela, Paia e Porto Manso, freguesia de Ribadouro, concelho de Baião. É o caso da barragem do Carrapateiro, que a Hidroeléctrica do Douro está a construir em Mourilhe, concelho de Marco de Canaveses, e cuja albufeira vai sepultar para sempre sob as suas águas as casas e as terras daquelas populações, que sempre aí viveram e às quais deram um grande quinhão do seu suor e das suas vidas. São cerca de 300 pessoas que serão expulsas, centenas de hectares de terra boa de laranjais e jardim, que davam um rendimento anual de 1.200 contos e que se perderão.

Os lavradores de Ribadouro, porém, não são contra o progresso e a represa, que os poderá também vir a beneficiar. O que eles querem, o que eles exigem, é que se lhes dê uma satisfação e se estude a tempo as reparações a que têm direito, que, na sua opinião, devem ser a construção e doação, à custa do Estado e da Hidroeléctrica, de casas económicas e de terras baldias onde possam refazer a sua vida como a tinham antes, devidamente auxiliados e amparados pelos poderes públicos.

Mas nada é dito ao povo da região, que nada sabe de concreto, só que há cerca de um ano foram lá uns homens fazer uns riscos nos muros e nas paredes das casas e disseram que as águas chegariam até ali. Entretanto, a construção da represa está perto do fim e em 1967 a água do rio vai começar a subir na albufeira.

Povo de Ribadouro! O silêncio das autoridades e da Hidroeléctrica sobre a altura que vão ter as águas e sobre o vosso futuro é propositado! Eles não vos querem dar as reparações a que tendes direito, para poderem gastar o dinheiro nas malditas guerras, a perseguir democratas e nos luxos. Eles querem que o tempo vá passando até que as águas comecem a subir, para depois vos darem umas reles indemnizações em dinheiro, que tendes de aceitar para não morrer à fome. Mas para que servem meia dúzia de patacos à vista de tudo aquilo que se perdeu? Não servem para nada, ou quase nada. Levar o caso para o Tribunal também pouco adianta, porque o mais algum dinheiro que se receba é só ao fim de alguns anos.

Queremos é que o governo nos dê casas, terras e ajuda constante.

Mas o governo de Salazar está ao lado dos grandes contra os pequenos. Para os ricos são só facilidades, empréstimos e outras ajudas, para nós são os impostos, a exploração, as guerras e agora mais esta desgraça. Está provado que nisto, como em tudo, só podemos contar com nós próprios, com a nossa força e unidade.

O ÚNICO CAMINHO É MESMO O CAMINHO DA LUTA. É preciso que nos unamos e organizemos a nossa acção. Devemos ir em delegação às autoridades incluindo Lisboa, pedir todos os esclarecimentos e que comecem a ser feitas desde já as reparações a que temos justo direito; devemos fazer abaixo-assinados com o mesmo objectivo ao governador civil, aos ministros das Obras Públicas e da Economia e ao Presidente da República, e levantar o nosso caso nos jornais. Devemos também começar a fazer manifestações de protesto junto das autoridades contra os injustiças de que estamos a ser vítimas, chamando os operários da represa a pôrem-se ao nosso lado, pois também são trabalhadores explorados como nós.

A terra para quem a trabalha!

Dizem os palradores salazaristas, neste caso o Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra, que os insucessos agrícolas no nosso país são mais uma falta de um exame de consciência dos nossos camponeses.

Apontam eles que, nas condições climáticas desfavoráveis, tanto no frio como nas secas, os camponeses, rendeiros e até lavradores, em vez de cruzarem os braços e andarem para aí a fazerem queixumes, deviam, sim, localizarem as causas que, por vezes são fáceis de eliminar.

No frio basta antecipar ou retardar a época das sementeiras, para não se correr o risco das queimas ou mesmo a morte das plantas. Outras vezes, basta recorrer aos abrigos ou outros tipos de protecção, como esteiras, plásticos, etc.

Na seca, o homem deve saber manobrar as armas que tem à sua disposição, para lutar contra aquele tiagelo. Além das regas, das sachas, da desfolha, e da escolha dos « cavalos » mais convenientes para o fim em vista, pode o camponês recorrer à armação do terreno em formas que permitam um melhor armazenamento da humidade, etc, etc.

Se os insucessos forem devidos à falta de possoal não devemos ser exigentes, e devemos sim fazer culturas rústicas, (isto é, esperar que a morte venha...!). Grande palavriado não há dúvida nenhuma!

Os pequenos e médios agricultores e rendeiros há muito que localizaram os males que flagelam a agricultura, sr. Director da E.R.A.C. E desses males o maior e mais importante é Portugal ser governado por um governo que faz tudo para servir os grandes lavradores e capitalistas, não se importando de arruinar os camponeses.

Não é antecipando ou retardando a época das sementeiras que se resolve o problema. É sim não retardando o pagamento do vinho aos produtores, e não exigindo juros do seu próprio dinheiro como faz a J.N. dos Vinhos.

É com a barateza crescente com que os organismos corporativos (as Juntas, os Grémios, as Federações, etc.) compram os produtos saídos das terras dos pequenos e médios camponeses e rendeiros que estes vão comprar as esteiras e plásticos para fazerem abrigos?

É com o desvio, por exemplo, das águas da Ribeira da Vacariça (freguesia da Mealhada) para as piscinas do Buçaco e do Luso, a fim de que os senhores do capital se possam banhar sem falta de água, que aquela gente vai regar as suas terras por altura das secas? E o mais revoltante é que ainda por cima lhe foram aumentadas as contribuições por serem as suas terras consideradas de regadio!

Encontram os camponeses seguros contra o frio, a filixera, as secas, os frios, etc. Males que podem anular totalmente os seus já fracos rendimentos, até ao ponto de os deixarem na miséria.

Ou será porque em Portugal existe um governo fascista, que explora até à ruína os pequenos e médios camponeses e rendeiros?

Aquele sr. só tem razão quando diz que os homens devem saber manejar as « armas » que têm à sua disposição. Não para combater os flagelos da agricultura, mas sim para combater e derrubar o governo fascista de Salazar. Para corrê-lo para bem longe da nossa Terra. Para imporem uma Reforma Agrária que dê a terra a quem a trabalha!